

AS MULHERES DE VIENA: SINTOMA DE UMA ÉPOCA

José Artur Molina

Talvez a mulher na Viena imperial não tenha sido a personagem principal de seu alegre apocalipse, mas teve fundamental participação. Com seu sofrimento ajudou a criar condições de vida mais isonômicas com respeito ao homem. Um sofrimento convertido em subversão.

O Império tem que adaptar-se a nova realidade econômica do continente. Com isso a autoridade do Rei fragiliza-se na medida em que é obrigado a buscar recursos no estrangeiro, para além de impostos, a fim de financiar a infra-estrutura necessária para o desenvolvimento do capital. O credor exige uma situação de normalidade constitucional, claro que, dentro do possível para aqueles tempos.

Viena, de vocação feudal, sofre uma revolução arquitetônica. Perde suas muralhas e, no lugar, surge uma cidade moderna, aberta. As vielas do centro velho são esquecidas e desvalorizadas por causa das grandes avenidas do novo centro. Tudo isso, muito a contra gosto dos militares, mas, que ao final, se conformaram com um novo quartel. A Ring, por ser ampla, também agradou aos coronéis em função da facilidade para deslocamento de tropas em caso de emergência. Leia-se uma invasão estrangeira.

A Ringstrasse recebe uma catedral; um teatro; um parlamento e uma universidade, todos monumentais. Não há como deixar de pensar num Império querendo agradar a todos desde os clérigos, cuja alta cúpula era muito reticente às mudanças. A cultura era um ponto importante para unificar o Império. Os liberais, ou seja, a burguesia, tentaram seduzir a aristocracia financiando, em parte, vários projetos culturais. E, por último, a política: o império da lei democrática iria substituir, teoricamente, o poder do Rei, pelo menos, nos vinte anos de poder dos liberais.

Assim sendo viveu-se naqueles dias momentos de incerteza e de desafios para construir uma sociedade que abraçasse sua nova ambição. Claro que uma sociedade em transição implica em alimentar os espíritos da mudança, mas, também, em despertar

forças conservadoras que temem perder seus privilégios com a nova ordem. Era preciso detectar o que ia para frente e o que recuava. A família foi, como núcleo da sociedade, um lugar extremamente sensível a esses tempos. E a mulher emerge desse lugar para ocupar outros para além dos domínios domésticos, como, por exemplo, a universidade. Em tempos de várias guerras, elas foram ocupando espaço no mercado de trabalho porque os homens estavam no front.

Na sociedade vienense as mulheres estavam sujeitas a intervenção e interdição masculinas. Todos mandavam: pais e irmãos. A irmã mais nova de Freud teve de renunciar a tocar o piano porque atrapalhava os estudos de seu irmão superdotado. Os casamentos de mulheres com homens muito mais velhos e ricos eram comuns. Numa clara afirmativa de que o que elas precisam é de bem estar financeiro. Uma forma de prostituição instituída pela hipócrita Viena.

Ao visitar os Estados Unidos, Freud volta assustado com as mulheres da América: eram pouco femininas no sentido da domesticação. Assim, vejam o que Decker¹ (1999, p. 211, tradução nossa), aponta:

O que se esperava de uma moça convencional como Dora era que se casasse e administrasse uma casa. Embora tenha mostrado a Freud com bastante evidência de que isto era justamente o que ela não queria fazer, ele não foi capaz de responder com empatia. As ideias de Freud sobre o lugar e o papel tradicional da mulher eram cristalizadas. Quando sua prometida escreveu a ele sobre John Stuart Mill e sua esposa, Freud respondeu com uma crítica da “absurda” ideia de que uma mulher casada fosse capaz de ganhar tanto quanto seu marido. ‘Espero que estejamos de acordo’, escreveu Freud a Martha Bernays, ‘em que administrar uma casa e educar os filhos requer da pessoa tempo integral, e praticamente elimina qualquer profissão.

¹ “Lo que se esperaba de una chica convencional del entorno de Dora era que se casara y llevara una casa. Aunque mostró a Freud abundante evidencia de que esto era precisamente lo que no quería hacer, él no fue capaz de responder con empatía. Las ideas de Freud sobre el lugar y el papel tradicional de la mujer eran fijas. Cuando su prometida le escribió acerca de John Stuart Mill y su esposa, Freud respondió con una crítica de la "absurda" idea de que una mujer casada fuera capaz de ganar tanto como su marido. 'Confío en que estemos de acuerdo', escribió Freud a Martha Bernays, 'en que llevar la casa, cuidar y educar a los hijos requiere a la persona al cien por cien, y prácticamente elimina cualquier profesión [...]’.

Esta autora lembra de uma carta de Freud a Marta onde se mostra pessimista sobre qualquer tentativa de emancipação da mulher: “porque a natureza terá decidido que a mulher por sua beleza, seu encanto e sua bondade, tenha outras coisas para fazer” (Decker, 1999, p. 211, tradução nossa)².

O ideal feminino era, portanto, a abnegação, conformismo e uma "resignação feliz".

A autoridade da maioria dos homens da Áustria, na transição do século XIX ao XX, residia no firme terreno da tradição, que se observava de forma clara no papel decisivo do governo do imperador Habsburgo e na vitalidade do código civil austríaco, em vigor desde 1811. O império austríaco ostentava todos os adereços de uma monarquia constitucional, mas seu parlamento não tinha poder real. O imperador nomeava e destituía seus ministros, e estes não tinham nenhuma responsabilidade na legislatura. Esta situação refletia-se na posição dos maridos na família. A lei civil determinava que as mulheres tinham que obedecer seus maridos em todas as situações referentes ao lar e aos filhos (DECKER, 1999, p. 92, tradução nossa)³.

Mas "as mulheres de Freud" não seriam tão dóceis como ele haveria desejado. Elas queriam muito mais do que uma vida doméstica. Viviam um período de transição social e preparavam-se para inaugurar um novo lugar para elas. Anna O. foi a grande inspiradora de Freud nesta aventura. Ela também não era dócil. Foi a primeira trabalhadora alemã e nunca se casou. Talvez por isso elas o tenham ajudado a pensar sobre enigma dos sintomas histéricos e, mais ainda, terem proposto para ele um método

² "porque la naturaleza habrá decidido que la mujer, por su belleza, su encanto y su bondad, tenga otras cosas que hacer"

³ "La autoridad de la mayoría de los hombres de Áustria, en la transición del siglo XIX al XX, residía en el terreno firme de la tradición, que se observaba de forma tangible en el papel decisivo del gobierno del emperador Habsburgo y en la vitalidad del código civil austríaco, que estaba en vigor desde 1811. El imperio austríaco ostentaba todos los adornos de una monarquía constitucional, pero su parlamento no tenía poder real. El emperador nombraba y destituía a los ministros, y éstos no tenían ninguna responsabilidad en la legislatura. Dicha situación se reflejaba en la posición de los maridos en la familia. La ley civil dictaminaba que las mujeres tenían que obedecerles en todos los temas que se refiriesen al hogar y a los hijos"

de tratamento: a cura pela conversação. Assim sendo "as mulheres de Freud" tinham ambições para além de seu tempo. Ou, como mínimo, sendo visionárias.

Podemos entender a “cura pela conversação”, proposta pelas históricas, como um apelo das mulheres ao diálogo com os homens. Nesse diálogo a opressão do homem sobre a mulher vai aparecer e ser denunciada nos relatos de abuso sexual sofridos na infância ou meninice. Acatando, num primeiro momento, a veracidade de tais relatos, Freud se coloca em defesa das mulheres, contra sua opressão, alinhando-se às forças vivas da história. Posteriormente, ao por em dúvida a veracidade dos fatos relatados e criando a teoria da “realidade psíquica”, pode até ter prestado uma inestimável contribuição para a ciência, mas à custa de um dispensável alinhamento conservador e vitimizador da mulher.

A busca do “diálogo” da mulher com o homem, passível de ser apreendido na histeria, também pode ser tomado como um gesto civilizado das mulheres na tentativa de substituir o poder tirânico e arbitrário do Pai, pela Lei capaz de distribuir equitativamente direitos e deveres, estabelecer possibilidades e restrições. Nesse sentido, as mulheres foram mais arrojadas e prospectivas.

Dora, adolescente de 18 anos, não era diferente. Decker (1999) aponta para o pecado de Freud que não pensou em Dora como uma adolescente:

A inexperiência de Freud com a transferência unia-se à sua incapacidade para reconhecer que uma adolescente tem necessidades psicológicas diferentes de um adulto. Os adultos mais importantes na vida de Dora usaram-na para seus próprios fins e, ainda negavam que o haviam feito [...] (Dora) encontrava-se no processo de definir sua relação com o mundo adulto. Precisava fortalecer seu idealismo adolescente para preservar o desenvolvimento de um eu saudável. Os adolescentes se preocupavam com a verdade porque estão desenvolvendo a capacidade de dar e receber lealdade e fidelidade (Decker, 1999, p. 224, tradução nossa)⁴.

⁴ “La inexperiencia de Freud con la transferencia se unía a su incapacidad para reconocer que una adolescente tiene necesidades psicológicas distintas de las de un adulto. Los adultos más importantes en la vida de Dora no solamente la habían utilizado para sus propios fines, sino que luego negaban haberlo hecho [...] (Dora) se encontraba en el proceso de definir su relación con el mundo adulto. Necesitaba reforzar su idealismo adolescente para asegurar el crecimiento sano de su Yo. Los adolescentes se preocupaban por la verdad porque están desarrollando la capacidad de dar y recibir lealtad y fidelidad”.

Parece que ninguém a respeitou. E todos pensavam em seus próprios objetivos. Os homens de Dora a ignoravam, assim como seu analista. Estavam todos identificados entre si.

Se havia uma pessoa que Dora amava, este era seu irmão Otto. Sensível às relações humanas, Otto escreveu aos dez anos de idade uma obra em cinco capítulos: "O final de Napoleão". Filho de um rico industrial teria sido natural que o jovem desenvolvesse habilidades na área comercial e multiplicasse a fortuna do pai. Ao contrário, Otto se dedicou às causas da justiça social, bandeira da esquerda. Otto se rebelava contra o status capitalista do pai. Recebe uma sólida formação no Gymnasium de Meran. As disciplinas eram latim, grego, língua e literatura alemã, francês, canto, desenho, história, geografia, matemática e física. Lera no original "A Ilíada", "A Odisséia", as obras de Platão e Sófocles, Livio, Virgílio, Tácito, Horácio, Cícero, Ovídio e Julio Cesar. No final de seu ciclo de estudos aprovou em primeiro lugar o difícil exame "Matura", o que significava uma grande distinção. Otto pertencia a uma elite intelectual.

Para Dora nada disso foi possível. As diferenças de formação destinadas a um menino e para uma menina eram abismais. O próprio Freud viveu isto.

Não se estudava latim e nem grego, mas línguas modernas e um pouco de matemática e ciências. As matérias opcionais incluíam costura, estenografia, datilografia, e – em alguns Lyzeen- latim. O conteúdo de língua e literatura germânica era menos pesado do que o que Otto estudou. As moças liam Guilherme Tell, escreviam sobre 'As vantagens da vida no campo' ou 'uma viagem improvável no verão' e recitavam poesias. A moça que se graduava no Lyzeum não podia matricular-se na universidade (DECKER, 1999, p.123, tradução nossa)⁵.

⁵ "No se estudiaba ni latín ni griego, pero si lenguas modernas y algo de matemáticas y ciencias. Las asignaturas opcionales incluían costura, estenografía, escribir a máquina y –en algunos Lyzeen- latín. El contenido de lengua y literatura germana era mucho menos fuerte que el que estudio Otto. Las chicas leían Guillermo Tell, disertaban sobre 'Las ventajas de la vida en el campo' o 'un viaje improbable en verano' y recitaban poesías. La chica que se graduaba en un Lyzeum no podía matricular-se en la universidad".

Como podia Dora ascender, sem recursos tão fundamentais, para elevar-se a uma outra condição? Enquanto Otto chegou a ser Ministro de Estado, a Dora coube ser uma personagem de Freud no sofrimento das histerias.

Fica evidente que o binômio histeria e mulher estão muito ligados, a ponto de ser impossível pensar em um sem pensar no outro. No caso de Dora devemos ainda acrescentar a sua condição judaica.

Otto Weininger (1880-1903) doutorou-se em filosofia e escreveu uma obra de muita repercussão, "Sexo e Caráter". Foi lida por muitos, considerada uma grande obra, admirada por Franz Kafka. É uma ode a misoginia e ao anti-semitismo. Vejamos algumas de suas pérolas: "todas as mulheres são prostitutas"; "os homens deveriam optar pelo celibato para se proteger delas"; "a mulher mais superior é muito inferior ao homem mais vil, da mesma forma o melhor judeu estaria aquém do pior cristão"; "o judaísmo era desprezível por estar impregnado pelo feminismo"; "mulheres e judeus não tinham alma; declarou que sua época era a mais judia e feminina de todas"; "os judeus eram piores que as mulheres porque eram mulheres degeneradas". Como judeu, Weininger se suicidou porque não podia vencer o judeu e a mulher que tinha dentro de si. Este livro teve um grande impacto em Viena nos idos de 1903. Muito se falou dele!

A verdade é que Weininger não havia expressado nada além daquilo que muitos acreditavam: que as mulheres eram seres de uma ordem inferior e que todos os outros grupos inferiores podiam comparar-se com elas para tentar explicar a essência de seus defeitos (Decker, 1999, p. 89, tradução nossa)⁶.

Dora vive num ambiente absolutamente hostil em todas as facetas de seu ser: adolescente, mulher, judia e histérica. Filha de uma família infeliz em tempos infelizes.

Além destes fatores psicológicos, a etiologia da histeria de Dora, da mesma forma que as histerias de muitas outras mulheres de classe média e média alta nesses

⁶ "La verdad es que Weininger no había expresado otra cosa que lo que muchos creían ya: que las mujeres eran seres de un orden inferior y que todos los otros grupos inferiores podían compararse con ellas para intentar explicar la esencia de sus defectos".

tempos, tinham um componente social. Os sintomas histéricos eram manifestações físicas da ira e da energia que uma mulher vitoriana não deveria demonstrar abertamente. Já que se admirava a vulnerabilidade como ideal feminino, as mulheres podiam expressar seu descontentamento através de uma doença física e permanecer dentro do enquadramento de conduta feminino apropriado e aceitável (Decker, 1999, p. 147, tradução nossa)⁷.

O desamparo era a situação das mulheres judias na cristã Viena. E tudo se agravava quando não tinham acesso a uma formação que desse condições para uma aquisição profissional. A histeria era o palco da rebeldia feminina, porque era calada e sofrida. A afonia de Dora era também uma das mais comuns manifestações das histerias naquele século XIX. Abraçava a condição necessária para uma mulher vitoriana, ou seja, não ser direta, e, ao mesmo tempo, conseguia-se muitos ganhos. O maior deles: a crueldade sobre si mesma.

O século XIX vivia uma série de mudanças extraordinárias. Dora estava nesse movimento, mas sem nenhum respaldo. Freud também vivia esses tempos. A burguesia de Viena tentou evitar o avanço de posições progressistas, abraçando o conservadorismo, ao mesmo tempo em que tolerava novas posturas onde ela pudesse obter ganhos.

Freud não pode ser acusado de não ter sido um homem a frente de seu tempo, mas também havia nele pontos de ancoragem com o que mais existia de conservador: a visão da mulher. Chegou a dizer que o homem tem um percurso por Édipo muito mais elaborado. Enquanto que a mulher dominaria menos suas pulsões em função de sua infinita posição pré-edípica. Com isso ela desenvolveria um menor sentido de justiça por um menor entendimento da lei da interdição.

Apesar de todo esse contorno conservador da sociedade vienense, Dora participou de atividades educacionais e culturais, inclusive engajando-se em campanhas

⁷ “Además de estos factores psicológicos, la etiología de la histeria de Dora, al igual de la histeria de muchas otras mujeres de clase media y clase media-alta en esos tiempos, tenía un componente social. Los síntomas histéricos eran manifestaciones físicas de la ira y energía que una mujer victoriana no debía demostrar abiertamente. Ya que se admiraba la vulnerabilidad como ideal femenino, las mujeres podían expresar su descontento a través de una enfermedad física y quedarse dentro de los confines de una conducta femenina apropiada y aceptable”.

feministas para que as mulheres conseguissem igualdade de condições para o acesso à educação. Finalmente, as mulheres puderam entrar na faculdade de Filosofia da Universidade de Viena em 1897. Na de Medicina, em 1900, embora para atender a demanda da comunidade muçulmana na Hungria que não queria que médicos homens examinassem suas mulheres. A faculdade de Direito só permitiu o público feminino depois da Primeira Grande Guerra.

A Europa fervilhava em novos tempos, embora Viena padecesse de evidente timidez. Entretanto, não era insensível a rebeldia na pintura de artistas rebeldes alemães. Até o Imperador visitava as exposições, a exemplo de Dora, dos pintores locais que haviam aderido ao movimento rebelde.

Dora sempre afirmou que o destino do matrimônio não seria sua escolha, mas afinal, acabou por sucumbir, talvez não a um burocrático enlace, mas ao amor.

Freud tocou, timidamente, o tema da contratransferência. Talvez porque o fardo de carregar sobre suas costas todos os preconceitos, religiosamente, aceitos em seu país, o tivessem cegado para uma evidência incontestável: o estatuto da mulher vienense do século XIX fez dele um sintoma de uma época.

Talvez por isso conclua seu texto sobre a “Feminidade” (1933) desta maneira.

Isto é tudo o que tinha a dizer-lhes a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável. Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes (FREUD, 1996 [1933], p.134).

Seguindo a indicação do mestre, fomos explorar a arte de Arthur Schnitzler que faz da mulher protagonista de sua literatura e a pintura de Gustav Klimt que dedica toda sua arte à mulher. Na arte ela seria desnudada, sem pecado e sem pudor.

Em uma carta datada em 14 de maio de 1922, Freud chama Schnitzler de seu duplo, alma gêmea. Alega tê-lo evitado por temer perder-se na criação da psicanálise. Apesar disso veja um fragmento da carta:

Sempre que me deixo absorver profundamente por suas belas criações, parece-me encontrar, sob a superfície poética, as mesmas suposições antecipadas, os mesmos interesses e conclusões que reconheço como meus próprios. Seu determinismo e seu ceticismo – o que as pessoas chamam de pessimismo-, sua profunda apreensão das verdades do inconsciente e da natureza biológica do homem, o modo como as convenções sociais de nossa sociedade, a extensão em que seus pensamentos estão preocupados com a polaridade do amor e da morte, tudo isso me toca com uma sensação de estranha familiaridade (FREUD apud TAVARES, 2007, p. 27-28).

Pelo visto Freud não se absteve de ler Schnitzler. É curioso que o que ele levanta de sua obra são o pessimismo, as verdades do inconsciente, a natureza biológica do homem, as convenções sociais e, por último os temas amor e morte. Isso é uma amostra da multiplicidade de questões que invadiam Freud. Pensador, Psicanalista, Médico, cidadão preocupado com a pressão social que oprime o ser humano. Parece óbvio, mas preciso afirmar que não havia em Freud uma unidade de pensamento. Nele habitava o contraditório.

Apesar dessa declaração de admiração, Schnitzler não se sentia muito entusiasmado com a psicanálise. Desconfiava de seu afã por curar, o que para ele era sinônimo de adaptar. Pelo visto o escritor não leu Freud tão atentamente. A psicanálise estaria não para a morte das paixões, mas para dar melhores condições ao sujeito de lidar com as intempéries da vida. Freud recomendava cuidado com o “furor sanandis”. A “Jung Wein”, movimento de vanguarda composto por artistas nos cafés da Ring, do qual Schnitzler era membro, desconfiava de tudo que vinha da academia para ordenar, organizar, disciplinarizar aquilo que não tinha como conter: um impulso a desagregação.

A literatura sempre foi para Freud a melhor maneira de se conhecer a alma humana. Ele atribui a si apenas o fato de ter construído um método de chegar a ela. O inconsciente, para ele, foi inventado pelos poetas por serem mestres da metáfora, mecanismo precípua deste lugar. Freud pensava que Schnitzler havia viajado, como ele, para as profundezas do psiquismo humano. Em especial na mente feminina. Admirava que o escritor havia chegado através da criação literária, onde ele chegou através do árduo caminho da ciência. As personagens, principalmente femininas de Schnitzler são enigmáticas. As de Freud são históricas, ambivalentes, complexas, insatisfeitas por natureza, inconsoláveis e capturadas pelo sofrimento. Os homens são previsíveis e com eles o Império Austro-húngaro desaba.

Schnitzler, apesar de seu talento literário, se formou em medicina por demanda paterna.

Em sete de maio 1885, então com 23 anos, ele anotava: ‘Tenho a sensação definitiva de que, tirando as vantagens materiais, cometi eticamente uma tolice ao estudar medicina. Agora faço parte da multidão. Além disso, há agora também minha preguiça. Há também uma segunda desvantagem, esta bem mais desgastante: a vergonhosa hipocondria a que este estudo lastimável me levou – lastimável em relação àquilo para o que ele aponta e revela. Muitas vezes me sinto completamente acabado. Meu sistema nervoso não foi feito para esta quantidade de afecções deprimentes e pouco estéticas. Eu ainda não sei atualmente (hoje que deveria estar na florescência de minhas forças espirituais) se há realmente em mim um verdadeiro talento para a arte [...] É inacreditável como alguém pode perder-se a si mesmo. Eu tateio, por assim dizer, atrás de mim mesmo (BADER apud SCHNITZLER, 1999, p. 17).

Kon (2008) destaca uma coincidência interessante. Schnitzler guarda uma série de semelhanças com Freud: ambos são judeus, médicos, estudaram com Theodor Meynert, psiquiatra renomado e fizeram de seus trabalhos uma crítica séria à hipocrisia do Império. Por ocasião da morte de Johan Schnitzler (morre em 1893), Arthur abandona a medicina para dedicar-se à literatura. Freud, por sua vez, escreve “A

Interpretação dos Sonhos” (1900) após a morte de seu pai, Jacob em 1896. Mas é preciso considerar que quando Freud mergulha em sua teoria do inconsciente, através da descoberta do papel do desejo na construção das histerias também se afasta da medicina tradicional. Fica claro quando defende em um de seus escritos que os leigos (não médicos) podem exercer a psicanálise. De modo que Freud deixa também de ser médico para ser analista. Isto porque a medicina, a ciência e a universidade da época eram por demais conservadoras para aceitarem teses como a da sexualidade infantil.

Schnitzler abordará, em suas obras homens e mulheres em situações de desespero pela ruína financeira ou familiar, pelo jogo, pelo endividamento ou ainda pelo incesto, pelo adultério e abandono. Mas que, ainda assim, se mantêm fiéis aos códigos da aparência social (KON, 2008, p. 2).

Tavares (2007) faz interessante relação entre Freud e Schnitzler. Como ambos são médicos e escritores, cada qual teria muito mais em comum do que o que foi levantado. Schnitzler interessava-se pela medicina, ou melhor, pela psiquiatria porque a loucura, para ele, guardava relação com a poesia. Freud era um grande escritor, utilizando-se de recursos estéticos de escrita para melhor explicitar suas posições. Lembremos que ele pede perdão para a academia por escrever os casos clínicos como se fossem romances. Quando escreve sobre as históricas, Freud se revela esteta. Quando vai tratar do conceito do feminino, entra o acadêmico carregando o peso da tradição. Freud entre a estética e a razão.

Apesar de todas as semelhanças entre os autores, Freud faz tímidas citações de Schnitzler em sua obra. Todas sem nenhuma importância. Entretanto, há inúmeras citações de autores consagrados como Goethe e Shakespeare. Dá a impressão que Freud já navegava, por demais, em águas turbulentas para abster-se dos clássicos e abraçar o contemporâneo e arriscar morrer queimado junto a Schnitzler na fogueira da intolerância.

Em 1927, Schnitzler comenta a carta de Freud dirigida a ele em 1922:

Por algum aspecto eu me constituo no duplo do professor Freud. Ele me definiu certa vez como algum gêmeo psíquico. Na literatura percorro a mesma estrada sobre a qual Freud avança com uma temeridade surpreendente na ciência. Entretanto, ambos, o poeta e o psicanalista, olhamos através da janela da alma (KON apud SCHNITZLER, 2008, p. 4).

Freud e Schnitzler souberam, com muita sensibilidade, que a mulher era um sintoma de uma sociedade claudicante. Ambos foram realistas ao abraçarem o campo do simbolismo e das sensações. Suas personagens Dora, Lucy, Emmy, Elizabeth, em Freud e Else, Therese, Marcolina, Beate em Schnitzler são complexas, longe da domesticação do lar. A diferença está em que Freud tinha que responder a uma demanda institucional, científica. Seus personagens eram “supostamente” reais. A ciência não dá os privilégios que a arte concede aos seus realizadores. Assim sendo, Freud construiu seu método como um realista legítimo e conceituou o feminino como um romântico fanático. Lembrem-se! O romantismo acaba no matrimônio. O realismo começa nele. Breuer já sabia disso: “Não penso estar exagerando ao afirmar que a grande a maioria das neuroses graves nas mulheres tem sua origem no leito conjugal” (BREUER, 1893-1895, p. 264).

Freud teve que enfrentar uma oposição feroz em tudo o que propôs. Abdicou dela no conceito de feminino por sua visão da mulher numa sociedade pré-capitalista. Para conseguir seu ingresso na Universidade foi um longo percurso, através de cartas de recomendação para, finalmente, ser aceito. Nem sempre é recomendável viver o tempo todo em oposição, diria um sábio pragmático.

Não deixa de ser sintomático que na obra de Freud não há uma citação sequer de Gustav Klimt. Freud desprezava a pintura moderna. Não entendeu o que Dali queria com ele, e, muito menos, o que o surrealismo via nele! Algo parecido com a ausência da literatura de Schnitzler em sua obra.

Freud amava os clássicos. Era o seu horizonte sereno, para além da “vulgaridade” dos temas da clínica psicanalítica cotidiana. Uma ordem estética

avaliada pelo tempo. Um lugar seguro para transitar, coisa muito pouco freqüente para ele.

Gustav Klimt, a exemplo de Freud e Schnitzler, sofre uma violenta reação do público e das instituições do Estado Imperial, seus antigos aliados. Isto porque ousou fazer pinturas como os Quadros da Faculdade, que deveriam ser apologias do saber, um cenário caótico, sem sentido e sem esperança. Além disso, se fez representante, não só de sua rebeldia, mas de sua ousadia através da figura feminina. O tema sexualidade e morte, eros e thanatos são comuns aos três autores.

Klimt era amigo do Ministro da Educação e, como conseqüência, amigo do Rei. Neste momento Klimt se submeteu a produzir um trabalho que tivesse ancorado em padrões clássicos de arte. A chamada arte historicista. Ganhou dinheiro e prestígio. Viena é testemunha da presença do artista em vários edifícios públicos monumentais. É o pintor da burguesia que ambicionava ascender à aristocracia vendo-se retratada pelo artista oficial do Império.

Mas esse idílio não seria para sempre. A cisão se dá quando Klimt “ousa” desafiar os sábios da Universidade. Cheio de confiança, Gustav denuncia com seus esboços sobre “A filosofia”, “A medicina” e “A jurisprudência” o fracasso da academia. Delata uma filosofia que não pensa; uma medicina que não cura e uma jurisprudência que não faz justiça.

Klimt perde o apoio oficial, mas ganha a liberdade. Já era um homem economicamente realizado e, mesmo depois da cisão com o Estado, nunca lhe faltaram encomendas.

Esta posição dá condições ao artista de fazer valer o seu gênio criador. Abandona a velha estética e cria uma arte singular. Suas mulheres são representadas em todas as suas facetas: santa e prostituta, sábia e impulsiva, mãe generosa e mulher cruel. Klimt despe a mulher e em seus trabalhos planos dá condição para que ela se mostre complexa, desejante, indiferente, autônoma e amedrontadora.

Klimt retrata o declínio da razão e com ele o império masculino. Explora a sexualidade feminina como múltipla sem pudor algum. O erótico é visitado e escancarado a céu aberto. Para que todos vejam que a sexualidade feminina não poderia

ser domesticada por frágeis padrões sociais. Freud percebe esta realidade ouvindo suas pacientes. Teoriza sua ficção como realidade psíquica. Schnitzler, em sua ficção, desvenda esta verdade. Uma ruptura acontece na transição do século XIX para o XX. Ela se dá através de um discurso que pretende uma descontinuidade de tudo o que estava posto. O método da psicanálise é portador deste acontecimento quando pretende ouvir não o que o paciente diz, mas aquilo que ele diz sem saber. Ouvir o que vem de forma enigmática, como que pedindo sentidos. A verdade está no erro, no que falha no discurso por insistência do inconsciente.

O método do tratamento pela fala, quando sai do estatuto da ab-reação para a associação livre, deixa de ter um caráter de expurgação dos sintomas tal como os remédios e as cirurgias faziam com males orgânicos ou os exorcismos como males espirituais, para se preocupar com os sentidos dados ou ligados às experiências. A fala tem uma função menos de exorcismo do que implicação simbólica, de elaboração, de uma sucessiva construção e desconstrução de sentidos de realidade, no sentido de uma resignificação ou dê-significação subjetiva (TAVARES, 2007, p. 80).

Trata-se de um método que convida o analisando a reinventar-se a partir de novas significações que ele próprio irá produzir. Tavares (2007) afirma com Foucault que um corte epistemológico foi produzido neste tempo. “Do paradigma da essência, do absoluto e da representação, ao fim do século XVIII e onde o homem, passa a ser, a um só tempo, sujeito do pensar e objeto do conhecimento” (TAVARES, 2007, p. 89).

Com muitos percalços, veja o caso Dora, Freud percebe esta realidade. O fenômeno da transferência e contratransferência torna impossível não pensar nas implicações emocionais produzidas na relação terapêutica. Não existe um médico que cura e um paciente que entrega seu corpo para esse fim, mas uma relação artificial que põem em operação as armadilhas do sintoma. E a grande novidade está no manejo desta atuação. De modo que Freud foi grande quando se torna porta-voz desta nova ordem. Ela foi determinada pelas suas mulheres por isso que o feminino é pedra angular, não só

para a psicanálise. Schnitzler e Klimt são testemunhas através de suas obras desta outra ordem. Eles inauguram um contra-discurso na cultura. Freud uma contra-ciência.

A obra de Freud foi queimada em Berlim, enquanto que Hitler considerava que Schnitzler denegria a mulher alemã. Klimt também não agradava ao nacional-socialismo. Os Quadros da Faculdade também viraram cinzas. A história revela a grandeza destes homens ao serem honrados pela execração do nazismo.

O Fundamentalismo Fálico

A psicanálise desembarca no século XX, trazendo conhecimentos que iriam se espalhar ao longo de todo mundo. A psicoterapia entendida apenas como a cura pela palavra é transformada em diversas práticas atendendo a diversas abordagens. Mas todas são filhas, embora independentes, do método freudiano. Ele se constrói depois de um necessário divórcio entre Freud e a medicina. As mulheres com as quais ele se encontrou no consultório haviam sido desenganadas pelos médicos. Um outro saber deveria ser produzido para acalmar o sofrimento. E ele foi construído a partir do drama existencial daquelas mulheres. Freud foi forçado a escutá-las. De certo modo a psicanálise foi inventada por elas através de um interlocutor solidário, Freud. Até aí podemos concluir de maneira rasteira que a psicanálise fundava dois pilares conceituais e que se comunicavam. O inconsciente e o método. O primeiro defende que uma representação carregada de emoção sem possibilidade de descarga é transferida para o corpo. Veja que no silêncio dele se escondia o grito do desconsolo, da insatisfação. De modo que em matemática simples poderíamos concluir que existe um lugar onde uma idéia possa estar escondida da “nobre razão da cordura”. A esse lugar Freud deu o nome de inconsciente. É o conceito básico que justifica sua prática. O método fundado numa escuta do inconsciente e o manejo da transferência guardam para a psicanálise um lugar singular, ousado e inovador. Foi dado um passo grandioso para a ciência psíquica. Sobre Freud recai todo o mérito por sua inteligência ao formulá-lo. Avançou solitário para aqueles tempos de tradição, conservadorismo e, concomitantemente, tempos de transformações radicais. Freud bebe da água destas duas fontes. Quando a psicanálise é convocada para o debate sobre a construção do feminino, titubeia entre vagas

considerações e vícios de uma certa virilidade dominante. Abraça um fundamentalismo fálico que vaticina o feminino a ser um desdobramento do masculino. Um avesso. Freud tem uma intuição nova e um veredicto velho. O desejo aprisionado da mulher e o matrimônio como solução. Estaria Freud contaminado pelo modelo essencialista do Iluminismo?

O advento do Iluminismo dá forma a um modelo na cultura. A hierarquia, contudo, deixaria de ser metafísica, tornando-se biológica: a mulher, mais próxima da natureza, seria destinada à maternidade e ao lar, cabendo ao homem, por sua racionalidade, dominar a polis (NERI, 2002, p. 19).

Se, por um lado, Freud não quer buscar na biologia a diferença sexual, tampouco abandona a diferença anatômica para começar uma proposição sobre o assunto. De modo que a presença e a ausência do pênis teriam conseqüências fundamentais na diferença. O feminino seria construído a partir de uma mutilação do órgão masculino. Aliás, não podemos deixar de apontar que a mulher teria um pênis involuído e na imaturidade dela, seria objeto de prazer. O prazer solitário da mulher assusta o império dos homens por se verem excluídos da empreitada. Freud, muito prontamente, sugere que o clitóris deve ser abandonado junto com a vocação onanista antes conhecida da mulher.

Em muitos momentos de sua obra, [...] Freud apresentou uma representação de mulher bastante poderosa e ameaçadora, ligando o feminino ao narcisismo, à falicidade, à natureza, à morte, e à castração. Se, a princípio sua concepção pressupunha o sexo feminino às idéias de fragilidade, passividade e masoquismo, o reconhecimento da representação de uma mulher poderosa, fálica e castradora o levou a reeditar os temores do século XIX e a caracterizar a sexualidade feminina como um enigma (NUNES, 2002, p. 52).

Para não correr riscos de retaliação por parte da mulher ressentida da castração, o mundo masculino destinou a ela um caminho: a vagina, receptáculo da criação, que

por sua vez, a tornaria zeladora da família. Homens na rua, mulheres em casa! Homens públicos, mulheres privadas! É preciso destacar que Freud não tinha um pensamento único porque ao lado destas afirmativas sobre a domesticação da mulher havia posições intrigantes. A mulher tem uma sexualidade polimorfa e seria também pulsional. O polimorfismo é certamente um deslocamento do falocentrismo. E ser pulsional é colocá-la para fora do representacional. Algo falha na mulher quando de seu percurso por Édipo, posto que o recalçamento não conseguiria aprisioná-la no simbólico. Assim, o complexo edípico, edifício central da lógica fálica, não funcionaria para dar conta de como a mulher se faz. “Édipo produz o menino, não produz a menina” (SOLER, 2006, p. 17). Ora se Édipo não faz a menina como poderia fazer o menino? Diante desses impasses para a teoria psicanalítica, o feminino observa, como que divertindo-se, a dificuldade dos homens psicanalistas para se livrarem do pensamento recorrente da fase fálica do menino. Tão importante é que: a mulher jamais se livraria do sentimento de inveja por ser castrada biologicamente. O lugar que a mulher e o feminino ocupam na teoria é um lugar claramente determinado por um mundo masculino, conservador, e que não consegue entender que outras coisas podem estar acontecendo para além do fálico. Mas, contraditoriamente, a afirmação de Freud de que a mulher é pulsional nos leva pensar numa outra disposição conceitual. Vejam a colocação de Birman (1996) através de Nunes (2002, p. 54-55).

Para Birman (1996a), a partir da tematização da pulsão de morte, ou seja, de uma pulsão sem representação, Freud privilegia o aspecto econômico e explicita duas dimensões constitutivas da pulsão que se contrapõem no sujeito e se expressam nas polaridades quantidade *versus* qualidade, força *versus* representação e energia *versus* símbolo. Aqui, o sujeito do inconsciente se constitui pelo circuito da pulsão no campo do outro, sendo sua inscrição no universo do símbolo um trabalho de elaboração psíquica dependente dos destinos da pulsão nesse circuito. [...] Pode existir um excesso pulsional que não se inscreve e que se constitui em uma experiência de angústia e desamparo.

É interessante pensar em vida inteligente para além ou aquém do simbólico. Por que é um exercício de pensar algo que está fora da barreira do recalçamento. Que a subjetividade é formada por intromissões que vem de longe no campo da experiência que a história conta. Desta forma aquilo que é novo e revolucionário terá dificuldades de se revelar.

Apesar disso Freud também não deixa de, em outro lugar e tempo, fazer suas proposições discutíveis como os três destinos da mulher: (1) A neurose, (2) o homossexualismo ou vocação fálica e a (3) resignação do lar. A primeira adoce de frustração, de inveja. A segunda faz de conta que tem um pênis (e os homens tremem!) e a terceira aceita o seu destino. A mulher zeladora da família foi instituída a partir do século XVIII. Portanto, é uma função historicamente determinada. E Freud, filho do Iluminismo e liberal por vocação, universaliza a escravidão da mulher num esquema fálico. Com teorias rebuscadas tenta impor uma visão filha de uma imposição masculina. A mulher sempre foi tida como amante do excesso e diante deste perigo deveriam se construir cidadelas para não deixá-la transbordar para além do permitido. Sexo no matrimônio, felicidade no lar, filhos por todos os lados. Esse é o excesso que lhe foi permitido! Sobre a mulher não seria colocada a função de construir a civilização. Isso é tarefa de homens focados na razão do que deve ser feito. Néri (2002) coloca o feminino como uma encruzilhada para a psicanálise:

O feminino, ao se apresentar como outro, vem desconstruir o universal, conjugado durante séculos no masculino, instalando a questão da diferença sexual no cerne da psicanálise. A riqueza e a singularidade da psicanálise estão no fato de ela ter se constituído justamente na tensão discursiva – presente na obra freudiana – entre dar voz a esse outro, singular, e reafirmar o masculino como universal na cultura (NERI, 2002, p. 13).

De cara ao terceiro milênio fica claro que o ordenamento freudiano do feminino naufraga. O corpo da mulher é negado e reduzido a ausência do pênis. Inclusive, a sexualidade polimorfa infantil é obscurecida em nome de uma condição

fálica madura. Isto terá conseqüências importantes sobre a teoria. Toda a montagem das estruturas clínicas em neuroses, perversões e psicoses se veem ameaçadas. A teoria fálica está organizada para a incorporação da lei. A ditadura do simbólico nos faria soldadinhos muito bem comportados dentro do abrigo do recalçamento. Fora da lei está a doença. Um exército de abandonados, onanistas, mutilados, desdentados e excluídos. As possibilidades de expressões humanas encontram-se radicalmente cerceadas pela psicanálise pensada no paradigma fálico. Freud não conseguiu ser ousado e inovador todo o tempo. É preciso reconhecer isso para não ficar no dogmatismo. Num mundo caótico, Freud constrói um ordenamento do sujeito a partir da lei. O rei está morto! Freud tenta com o complexo edípico ressuscitá-lo.

Forjado por Freud, o modelo edipiano tinha como pano de fundo a sociedade vienense do fim do século, atormentada por sua própria agonia, por sua sensualidade vergonhosa e por seu culto à atemporalidade. Não somente os pais perdiam a sua autoridade à medida que a monarquia dos Habsburgos progressivamente afundava sob o peso de sua arrogância, quanto o corpo das mulheres parecia ameaçado pela irrupção de um possante desejo de gozo (ROUDINESCO, 1999 apud TAVARES, 2007, p. 66).

Por outro lado, Freud denunciou o aprisionamento do desejo feminino, desnaturalizando a sexualidade.

[...] o iluminismo associara o feminino à natureza e à paixão com objetivo de excluí-lo da cultura, a modernidade vienense ao proclamar o “eu da emoção criadora” em oposição ao eu do cogito e do positivismo, transformou-o em figura emblemática do questionamento da racionalidade metafísica e científica (NERI, 2002, p.16).

Isto abre um leque de possibilidades para se pensar. O debate sobre o feminino parece, em princípio, decepar o dedo da psicanálise, mas também ela poderia renunciar ao anel do paradigma fálico. Impensável? Para Birman (2002) o falocentrismo está

encarnado na psicanálise dos psicanalistas até hoje. É difícil apreender um caminho distinto. É como se o cérebro tivesse sido formatado de modo falocêntrico.

O feminino é uma via de mão dupla: uma para o falocêntrico e outra para o singular. Ambas as mãos estão historicamente determinadas. Tradição e ruptura era a regra da Viena na passagem para o século XX.

Não podemos ignorar que o falocentrismo está presente até mesmo quando a mulher ganha voz e visibilidade. Freud, Schnitzler e Klimt, não nos esqueçamos, são homens! Homens falando da mulher, dando-lhe imagens, formas, assumindo o papel de vozes. É o falo falando da mulher. Verdadeiros Adãos emprestando, não seus corpos, mas suas mentes, para que delas pudessem sair as mulheres. Se a mulher nascida das costelas de Adão representava um nascimento primitivo do feminino, submetido ao falo, mas alusivo ao sensorial, ao carnal; o nascimento da mulher na modernidade, igualmente se faz pelo homem, pelo falo, porém, remetido à razão. A racionalidade masculina tentando domar a afetividade feminina, tida como atentatória ao projeto disciplinar da modernidade.

Nesse cenário de transição paradigmática, da Viena do final do século XIX, no qual se degladiam forças rivais, umas tentando empurrar o Carro de Jagrená⁸ para frente e outras tentando freá-lo ou puxá-lo para trás, a sorte da mulher não escaparia dessas tensões entre avanços e recuos. Freud foi uma, dentre tantas outras forças, que procuraram embarcar a mulher no carro de Jagrená. Em alguns momentos tiveram sucesso nessa empreita, em outros, a deixaram ser esmagada pelas suas rodas.

Freud, cansado de se confrontar com suas próprias contradições com respeito ao “continente negro”, convoca os poetas e artistas, e, quem sabe, a ciência no futuro, para decifrarem o enigma feminino.

Para Nunes (2002), Freud abre possibilidades, no final de sua vida, para que o feminino seja uma nau que leve a caminhos diferentes tendo o novo como resultado. Não mais caminhos viciados que desembocam sempre na rua da amargura.

⁸ Figura extraída da mitologia hindu, utilizada por Giddens (1991) para se referir à modernidade como um grande carro conduzido por forças diversas que atua dentro dele, dando-lhe direções, e que esmaga quem se colocar à sua frente para tentar detê-lo.

Aos poucos, desarticula-se a diferença anatômica entre os sexos da construção da subjetividade de homens e mulheres. Em ‘Feminilidade’, o que constitui masculinidade e feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia, não sendo a psicanálise capaz de descrever a mulher (NUNES, 2002, p. 54).

Nesta lógica a libido, energia que impele a uma ação, deixa de ser masculina para ser neutra, impulsionando as atividades sexuais de ambos os sexos. O masoquismo também deixa de ser problema de mulher. O tema feminilidade recebe uma ampliação de horizontes:

A feminilidade, portanto, é uma característica comum a homens e mulheres, e não algo que constitui apenas o sexo feminino. É desta forma que Freud confere à feminilidade um estatuto originário e universal, e a situa no âmago de nossa cultura e, conseqüentemente, do processo de subjetivação que diz respeito a homens e mulheres, já que é uma experiência determinante para a constituição dos indivíduos como sujeitos sexuados (NUNES, 2002, p.55).

O feminino pensado como fora da lei, pulsional e polimorfo é um caminho de alteridade. Homens e mulheres poderiam escrever o seu destino para além de formulações que cerceiam a singularidade. A cada tempo a sua liberdade! A cada liberdade o seu tempo! Esta é a tarefa dos psicanalistas espalhados pelo mundo. Trabalhar para a enunciação de singularidades e fazer tremular a bandeira da alteridade como novas possibilidades de estar no mundo. Finalizo com a escritora Clarice Lispector (2005, p. 73) que em poucas palavras resume o espírito deste trabalho, privilegio de poeta: “Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome”.

Referências

Appignanesi, L.; Forrester, J. *As mulheres de Freud*. Trad. Nana Vaz de Castro e Sofia Maria de Sousa Silva. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Ariès, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

Augé, M. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da super modernidade*. Campinas, SP: Papiros, 1994.

Berman, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Bertin, C. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

Bettelheim, B. *A Viena de Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

Birman, J. *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, 2002.

Breuer, J.; Freud, S. Estudos sobre a histeria. Rio de Janeiro. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Imago Editora. 1996. v. II.

Decker, H. S. *Freud, Dora y La Viena de 1900*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.

Harvey, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993

Fliedl, G. *Gustav Klimt: o mundo de aparência feminina*. Colônia. Taschen GmgH, 1992.

Freud, S. Estudos sobre a histeria. Rio de Janeiro. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Imago Editora. 1996. v. II.

Freud, S, Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Imago Editora. 1996. v. VII.

_____, Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Imago Editora. 1996. v. XXII

Giddens, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1991.

Kent, G. O. *Bismark e seu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Universidade de Brasil, 1982.

Lispector, C. *Aprendendo a viver: imagens*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005

Mezan, R. *Freud: pensador da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

Morais, Z. *Gustav Klimt*. Lisboa: LISMA Edição, 2005

Néret, G. *Klimt*. Lisboa: Paisagem Distribuidora de Livros, 2006

Neri, R. O encontro entre a Psicanálise e o feminino: singularidade/diferença. In: Birman, J. *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, 2002. p. 13-34.

Nunes, S. A. O feminino e seus destinos: maternidade, enigma e feminilidade. In: Birman, J. *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, 2002. p. 35-57.

Kon, N. M. Sigmund Freud e seu duplo. *Bravo*, São Paulo, ago. 2008. Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/livrosmateria_292526.shtml> Acesso em: 22 ago. 2010.

Santaella, L. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

Schorske, C. E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Schnitzler, A. *A senhora Beate e seu filho*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

_____. *Breve romance de sonho*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

_____. *Crônica de uma vida de mulher*. Rio de Janeiro: Record LTDA, 2008.

_____. *De cama em cama*. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1960.

_____. *Doutor Gräsler: médico das termas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

_____. *O retorno de casanova*. São Paulo: Schwarcz, 1988.

_____. *Senhorita Else*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Soler, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Tavares, P. H. M. B. *Freud e Schnitzler: sonho sujeito ao olhar*. São Paulo: Annablume, 2007.

Villari, R. Prefácio. In: Tavares, P. H. M. B. *Freud e Schnitzler: sonho sujeito ao olhar*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 13.